

UNIVERSIDADE
FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO
INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDO E PESQUISA
DO IMAGINÁRIO
SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVIII
VOLUME 28
(JAN-JUN)
2018
P. 1-4.

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ:

AMAZÔNIAS: POPULAÇÕES, CULTURAS E HISTÓRIAS

Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Teixeiraⁱ
Professor Associado do Departamento de História
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

Profa. Dra. Kátia Cilene do Coutoⁱⁱ
Professora Adjunta do Departamento de História
Universidade Federal do Amazonas (UFAM)

Luiza Nascimento dos Reisⁱⁱⁱ
Professora Adjunta do Departamento de História
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

O dossiê que hora apresentamos traz uma série de trabalhos que tem o intuito de apresentar em suas reflexões as várias faces da Amazônia. Uma região plural, de saberes e fazeres diversos que propicia um espaço de interações de várias identidades/alteridades; são pessoas, hábitos, costumes e imaginários que transitam por fronteiras étnicas criando um mundo plural, intrigante e encantador.

Os trabalhos que compõem o dossiê são resultados de pesquisas, ou que estão em andamento, que vem contribuir com os estudos sobre a região. São reflexões sobre temas diversos como cidade, crianças, festas, religiosidade, fronteiras, escravidão, mulher negra, educação indígena; um universo que instiga a desbravar as várias amazônias existentes dentro da Amazônia, buscando nesse espaço as transculturações dos vários sujeitos que nela imprimiram as suas marcas ao longo da História.

Em *Por uma análise de gênero das festas*, de Caroline Pereira Leal, a autora apresenta uma abordagem sobre a categoria de gênero e seu uso para se analisar as relações nesse campo das festas, um *locus* de lutas concretas e simbólicas por espaços. Sua análise se dá sobre a festa do Boi Bumbá de Parintins.

Já o texto *Amazônia Marajoara: as crianças ribeirinhas e o trabalho infantil na Vila do Piriá-Curralinho/PA*, dos autores Simeí Santos Andrade e Magali dos Reis, discute a infância da criança Marajoara da Vila do Piriá, em que analisa a percepção das crianças ribeirinhas sobre o trabalho infantil através de um estudo etnográfico, observação participante, conversas informais, bilhetes e desenhos, o autor constrói uma narrativa abordando o universo das crianças, trabalhadores, mas que levam a alcunha de ajudantes e com isso os direitos inerentes a essa fase da vida, como estudar e brincar ficam em segundo plano.

O artigo de Tenner Inauhiny Abreu, denominado *Trabalhadores escravos na Província do Amazonas do oitocentos: novas fontes e novas abordagens* trata de um assunto pouco visitado na historiografia da Província do Amazonas, os trabalhadores escravos. Seu artigo analisa a partir de fontes presentes no Arquivo Público do Amazonas, documentos presentes na Cúria Metropolitana de Manaus, a complexidade de uma sociedade, como o autor mesmo diz, marcada por hierarquias sociais que distinguiam os indivíduos pela sua origem racial e jurídica. Caracterizando assim, uma diversidade do mundo da escravidão para o Amazonas, desobstruindo assim, afirma o autor, os esquematismos presentes nas narrativas históricas.

Já o artigo de Eriki Alexo de Melo intitulado “Que história devo contar?: experiências das aulas de história com alunos do magistério indígena Tamikan”, o autor discute a experiência na docência com alunos indígenas que muitas vezes estão preocupados com os resgate da língua indígena, práticas culturais e com a cultura do homem branco para levar as suas comunidades melhorias no ensino e na vida comunitária.

O trabalho de Sérgio Gomes de Souza, denominado *Cidades imaginárias no Acre territorial (1900-1910)* faz uma análise sobre a constituição das cidades no território Federal do Acre, na primeira metade do século XX e as resistências e dificuldades estruturais desse processo que se opuseram a uma política homogeneizadora promovida pelo poder público. Seguindo parâmetros europeus da *belle-epoque* e da *art-nouveau* para a construção das cidades, o projeto de modernização, segundo o autor, promoveu a exclusão, o silenciamento e a invisibilização de sujeitos sociais vistos pelas elites do lugar, como inaptos ao projeto modernizador que naquele momento se apresentava.

O artigo *Elemento cognitivo na relação transfronteiriça Franco-brasileira: narrativas da colonização*, dos autores Alberto Abad e Thais Marluce Marques Abad, por sua vez apresenta uma abordagem sobre a narrativa como gênero literário e sua influência no desenvolvimento cognitivo que se convertem em normas norteadoras que ajudam a interpretar a realidade. Com isso o autor pretende abordar as relações fronteiriças franco-brasileiras, especialmente a história da Amazônia e do Estado do Amapá.

O trabalho “Uma mulher negra “poderosa”: feitiçaria e cartomancia em Belém (1896)”, de David Durval Jesus Vieira, temos um artigo que nos revela as representações de “tia Carolina”, uma mulher descrita no jornal Folha do Norte por seus ofícios de cartomancia e feitiçaria. Um estudo que possibilita o conhecimento das atividades sociais de uma mulher negra septuagenária no pós-abolição paraense; em meio à perseguição das práticas religiosas afro-brasileiras e indígenas houve certo reconhecimento de seus poderes de cura atestado por aqueles que recorreram aos seus serviços.

Já o trabalho de Leno José Barata Souza intitulado “Imigrações estrangeiras para a Belle Époque Amazônica a bordo da Ligure Brasileira: histórias, mitos e utopias”, apresenta um debate sobre os planos e ações da *Società di Navigazione Ligure Brasiliana*, empresa de navegação a vapor italiana que prestou serviços no Norte do Brasil de 1897 a 1904, o autor oferece um panorama sobre imigrações de europeus para o estado do Amazonas entre os últimos anos do século XIX e primeiros do século XX, contexto da chamada *belle époque* amazônica propiciada pela exploração do látex, quando o Amazonas se tornou o centro mundial de exportação de borracha.

E por fim, em “Entre práticas e saberes: incorporação de encantados na Umbanda”, dos autores Leonardo Lucas Britto e Sérgio Luiz de Souza, analisa o papel que a Umbanda exerce como experiência religiosa diferenciada e de vida não só da sociedade mas com as culturas locais. O autor buscou compreender através de sua pesquisa como os umbandistas da cidade de Porto Velho representam os povos indígenas a partir da incorporação de espíritos de índios, sendo a Umbanda influenciada pela cultura amazônica incorporando o encantado como elemento de sua prática.

Queremos agradecer o convite e a editoração realizada pela Professora Doutora Veronica Aparecida Silveira Aguiar da Universidade Federal de Rondônia na organização deste volume.

A Revista Labirinto convida à leitura dos textos deste Dossiê que testemunham histórias, culturas e populações cada vez mais objetos das análises dos pesquisadores brasileiros que a integram, elevando os diálogos capazes de aproximar as realidades nas suas peculiaridades e nas suas diferenças.

Desejamos uma boa leitura a todos!

Porto Velho, 31 de agosto de 2018.

NOTAS

4

ⁱ Professor Associado do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia - UNIR e docente do Mestrado em História e Estudos culturais da Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Possui graduação em História pela Universidade Federal do Pará (1982), mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (1997) e doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental pela Universidade Federal do Pará (2004).

ⁱⁱ Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Docente do Mestrado profissional de História da UFAM. Graduação em História pela Universidade Federal de Goiás (1997), mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás (2002) e doutorado em História pela Universidade de Brasília (2006).

ⁱⁱⁱ Professora Adjunta do Departamento de História na Universidade Federal de Pernambuco (História da África). É licenciada em História (2006) e especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais (2008) pela Universidade Estadual de Santa Cruz. Mestra (2010) e Doutora (2015) pelo Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia (UFBA).